

Miriam Adelman<sup>1</sup>

## **Corporalidades humano-equinas e disputas atuais sobre filosofias e técnicas de doma<sup>2</sup>**

---

## **Human-equine corporealities and current disputes over approaches and techniques for starting horses.**

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>2</sup> A autora agradece aos colegas Andrea Osório e Felipe Vander Velden pela oportunidade de publicar este texto no dossier “Materialidades, corporalidades e técnicas: co-produção humanimal de híbridos, ou de como as coisas estão no meio” e ao CNPq, pelos muitos anos de apoio às suas pesquisas sobre relações humano-equinas (sendo o mais recente, o edital CNPq Nº 4/2021 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ).

## RESUMO

A cultura equestre milenar recorre, em diversos momentos, à metáfora do centauro, tropo chave que indica como muitas sociedades desejam pensar este encontro interespécie singular. Nas culturas equestrases modernas, a muito prezada meta e chave, qual seja, “sentir-se um/a” com seu cavalo (‘estar em plena harmonia com’), parece invocar, de maneira mais domesticada, essa antiga metáfora de fusão. Por outro lado, nas últimas décadas, têm crescido demandas e reivindicações perante as culturas equestrases, de sensibilizar-se em relação aos muitos elementos menos idealizáveis das práticas e culturas equestrases. Desde as perspectivas mais ‘reformistas’ que atacam métodos de doma e equitação tradicionais por suas tecnologias de dominação e crueldade, passando pela atual ‘terapização’ da relação humano-equina, e até as posições que rejeitam todo e qualquer uso humano do equino, emergem novos discursos e práticas. O presente texto se insere nesta problemática, através de um objeto delimitado: as configurações e disputas atuais em torno de métodos de doma no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** doma equina, cultura equestre, relações humano-equinas, corporalidades humano-equinas.

---

## ABSTRACT

In different times and places, equestrian cultures have often resorted to the metaphor of the centaur, a key trope that indicates how many societies wish to conceive of this unique interspecies encounter. In modern equestrian cultures, the much-cherished goal and quest, to “feel at one with one's horse,” may very well be a more domesticated take on this ancient metaphor of fusion. At the same time, in recent decades, demands have grown within equestrian cultures around increasing awareness of the many less idealizable elements of equestrian practices and cultures. From the more “reformist” perspectives that attack traditional training and riding methods for their technologies of domination and cruelty, to the current “therapization” of the human-equine relationship and even positions that reject any and all human use of the horse, new discourses and practices are emerging. This text becomes part of this ongoing debate, using a sociological approach that examines current configurations and conflicts around starting horses (initial gentling and training) in Brazil.

**KEY WORDS:** starting and training horses, equestrian cultures, human-horse relations, human-equine corporealities.

## INTRODUÇÃO: O PODER E A ILUSÃO DO ENTE ‘CENTAURO’

Para falar sobre cultura equestre milenar, devemos na verdade falar no plural, por se tratar de inúmeras culturas historicamente situadas, dispersas em tempos-espacos diferentes. Algumas das suas narrativas mais conhecidas, do passado e do presente, recorrem, em diversos momentos, à metáfora do centauro, tropo chave que indica como muitas sociedades desejam pensar este encontro interespécie absolutamente singular. Na sua origem na mitologia grega, este ser fantasioso, metade homem, metade equino, se definia por sua natureza selvagem - isto é, pelas qualidades temíveis, admiráveis e potentes que sua parte humana poderia acessar através de uma fusão corporal com o ser cavalo, mas que também, no caso de exímios cavaleiros, daria para estes a chance de mostrar seu domínio sobre o animal (KROLL, 2019:34) e talvez sobre sua própria ‘animalidade’<sup>3</sup>. Em outros contextos e adaptações, como em vários momentos modernos e pós-modernos, funciona como meta prática e chave interpretativa, qual seja, “sentir-se um/a” com seu cavalo (‘estar em plena harmonia com’)<sup>4</sup>; parece invocar, de maneira geralmente mais domesticada ou mais reflexiva, essa antiga metáfora de fusão. Mas sempre invoca as profundas dimensões subjetivas de uma relação interespécie singular, atravessada por necessidades e tecnologias humanas materiais cada vez mais interrogadas através da aplicação de uma lente crítica, e forjadas em múltiplas formas de desejo, afeto e imaginação.

Assim, não deve causar surpresa que nas últimas décadas - as mesmas que se tornam cenário do florescimento do campo transdisciplinar dos estudos humano-animais - têm crescido demandas e reivindicações perante as culturas equestres, de sensibilizar-se em relação aos muitos elementos menos idealizáveis (e que coexistem com a romantização) das culturas equestres. Desde as perspectivas ‘reformistas’ que atacam métodos de doma e equitação tradicionais por suas tecnologias de dominação e crueldade e que propõem alternativas como a ‘natural horsemanship’ - traduzido geralmente como ‘doma racional’ em português brasileiro<sup>5</sup> -, passando pela atual ‘terapização’ da relação humano-equina, e até pelos

<sup>3</sup> Metáfora de humano-animalidade complexa, que aparece em narrativas de conteúdo muito diverso, o centauro é um híbrido significado ora positiva ora negativamente, nos tempos-espacos pelos que passeia. Esta breve menção aqui não faz jus à sua força simbólica e cultural, mas pode deixar claro a importância singular do animal *equus caballus* para a história das sociedades humanas, na constituição das suas culturas materiais e imateriais.

<sup>4</sup> No inicio de um fascinante artigo que discute a experiência de montar, Maurstad, Davis e Cowles (2013) citam a fala emblemática de uma cavaleira que relata que monta “mainly for the feeling for when you and your horse are in sync and everything that is communicated is fluid and it just, everything works out like, like you’re one, you know?”(p.322)

<sup>5</sup> Tradução que me parece um curioso desvio do conceito, sendo que o movimento, a pesar de se pretender científica (com bases na etologia equino), também se apresenta como baseado, para além de uma racionalidade positivista, na sensibilidade, a percepção fina, o sentimento e o desenvolvimento de comunicação corporal e afetiva.

posicionamentos abolicionistas que rejeitam todo e qualquer ‘uso’ humano do equino, emergem novos discursos e práticas sobre a longa história das culturas equestres que se tornam reconhecido patrimônio material e imaterial das sociedades.

O presente texto se insere nesta problemática, através de um objeto delimitado: as configurações e disputas em torno de métodos de doma de equinos no Brasil atual. Nas páginas a seguir, foco as vicissitudes atuais de suas práticas (tecnologias e relações corporificadas) e narrativas, que representa um terreno de trocas, polêmicas, controvérsias e conflitos, desde uma perspectiva que procura dar centralidade, não só aos seus aspectos discursivos, senão às encenações e experiências corporais humano-equinas que elas compreendem<sup>6</sup>.

## PARA PENSAR UMA RELAÇÃO INTERESPECÍFICA CORPORIFICADA

A relação humano-equina se destaca, dentro do rol de relações da espécie humana com os animais domesticadas por ela ao longo dos tempos, pela singularidade – a intensidade, proximidade, alto grau de entrelaçamento e complexidade, e a dádiva da mobilidade – das suas dimensões corporais. Como escrevi acima, sua complexidade inclui um denso desenvolvimento de mitos, símbolos e tecnologias que são, de fato, patrimônio tangível e intangível da humanidade, que se representa tanto em pinturas rupestres e esculturas de civilizações da antiguidade, em diversos manuscritos como a clássica Shalihotra indiana<sup>7</sup> (CAMPHORA; ADELMAN, 2021) e os não poucos tratados produzidos na Europa medieval – na Itália e na França, por exemplo - sobre as artes, ciências e técnicas da equitação, assim como nas visões da relação humano-equina promovidas pela ficção moderna (PICKEL-CHEVALIER, 2017; PIERSON, 2002).

Na contemporaneidade, além de ficção que toma como trama central ou complementar personagens humanos e equinos nas suas interações afetivas, esportivas, utilitárias e/ou imaginadas, as possibilidades desta relação interespécie viram também objeto de debate

<sup>6</sup> Nosworthy (2013), por exemplo, defende o uso de “*non-representational theory*” para estudar a relação humano-equino, como uma perspectiva que foca “engajamentos práticos com o mundo” e entende o conhecimento menos a partir do como o representamos e mais em termos dos engajamentos a partir dos quais o produzimos- as relações, conexões e possibilidades que pertencem ao cotidiano. Para ela, estudar a relação humano-equino “*provides an opportunity to examine exchanges that are performed through the medium of the body as they are [being] performed* (p.31-32).”

<sup>7</sup> No seu texto sobre o cavalo Marwari da Índia, as autoras explicam que a Shalihotra, manuscrito atribuído à sabedoria dos antigos Rajput e seu estilo de vida atrelado ao equino e nesse sentido “*a most remarkable piece of testimony of the significance of the horse within early Indian society*”, remonta até o século XVI. É reconhecido como um dos primeiros tratados sobre o ‘cavalo de guerra’ que se conhece. Proveniente de fontes orais posteriormente transcritos, ia além de sua evidente função de transmitir conhecimento sobre a criação e o cuidado dos cavalos, para semear a propagação de valores e figurações culturais relacionados ao equino.

em literatura científica que possui como proposta concreta analisar práticas e motivações, ou promover métodos e mentalidades baseados na empatia e comunicação interespécie, como pretendem ser, por exemplo, os não poucos tratados ou narrativas produzidos pelos adeptos às abordagens do *natural horsemanship*<sup>8</sup> (KROLL, 2019; BIRKE; BRANDT, 2009; BIRKE, 2007).

Por outro lado, por se tratar de uma relação “biosocial” (DAVIS; MAURSTAD, 2016), com fortes elementos corporais e afetivos, a interação entre humanos e equinos pode configurar-se com um grande desafio para as abordagens comuns das ciências sociais. Além das novas trocas entre as ciências sociais e a etologia e o desenvolvimento de perspectivas eco-críticas<sup>9</sup>, outros desdobramentos recentes na teoria social que integram o corpo e as emoções ao seu repertório de conceitos básicos nos fornecem ferramentas metodológicas para aprofundar nossa compreensão da construção sócio-histórica das tecnologias do corpo como relações interespécies. Contribuições principais vem, por exemplo, dos estudos feministas e da sociologia das emoções, de Foucault, que entendeu o corpo como produzido na materialidade e discursividade das relações de poder (com especial ênfase nos processos de disciplinamento burguês), da antropologia do corpo e das metodologias fenomenológicas (cf. ADELMAN; RUGGI, 2015).

Inicialmente, discussões sobre as dimensões corporais e afetivas das relações sociais se concebiam exclusivamente em termos da configuração de relações entre seres humanos – por exemplo, na construção de corpos generificados e racializados, nas sociabilidades e hierarquias corporificadas entre classes sociais no meio urbano ou no âmago das interações familiares. Contudo, a ‘virada animal’ representa a fruição de uma sensibilidade consolidada no novo milênio é, principalmente, uma convocação a repensar as relações sociais e construção das culturas e das sociedades como “mais-que-humanas” - isto é, como o produto também das relações interespécies. Dentro dessa movimentação teórica e metodológica inclui-se a emergência de um acervo internacional de literatura produzido no campo específico dos estudos humano-equinos (DAVIS; MAURSTAD, 2016; GUEST; MATTFIELD, 2017 ; BIRKE; THOMPSON, 2018) que nos traz análise histórica crítica da proeminente relação de co-evolução das espécies humana e equina. Nesse corpus interdisciplinar riquíssimo, encontramos tanto suporte quanto motivação para pensar as metáforas e tecnologias do corpo ‘centauras’ que, historicamente e com grande diversidade (KROLL, 2019), se desdobram num terreno escorregadio entre práticas de disciplinamento (imposta por humanos), poder e comunicação.

<sup>8</sup> Voltarei a falar sobre este movimento, que parte da revisão de métodos convencionais de doma e manejo de cavalos, os quais ele pretende revolucionar com uma abordagem baseada na sensibilidade e na comunicação.

<sup>9</sup> A etologia é um ramo da zoologia que estuda o comportamento dos animais não humanos; a eco-crítica, como vertente atual dos estudos literários, foca as relações entre sociedades, cultura e natureza, com uma proposta especialmente crítica sobre as ideias, representações e práticas da modernidade.

A “doma” – o processo através do qual se inicia um cavalo ou uma égua (geralmente, quando ainda são potros) nas funções que os humanos esperam deles (montaria, lida, esporte ou tração), é um campo de práticas que se definem a partir de abordagens e tecnologias diversas, e – como assinalei acima – muitas vezes não apenas contrastantes, senão produtoras de disputas ferrenhas. Hoje em dia, a maior parte dos potros e potras “xucras” na verdade são iniciados no trabalho quando estão já bastante acostumados ao manejo por e convivência com humanos, um dos traços que diferencia o processo contemporâneo de métodos e contextos de épocas passadas. Isto mudou, entre outras coisas, o conteúdo do “amanse”, uma palavra costumeiramente aplicada à fase de habituação de animais novos ao contato com humanos, na qual devem superar receios, medo e estranhamento e começar a aceitar e confiar na pessoa humana. O termo “doma”, em contraste, parece ter mais parentesco com a força e a dominação. Ao empregá-lo, hoje em dia, permanece uma certa ambiguidade, quanto ao aceite ou não da naturalização de processos que se valem da coerção, a violência e a punição; no segundo caso, idealmente, se referiria a aprendizagens (mútua, aliás) caracterizadas pela paciência, o afeto, e a interação pacífica.

É relevante que no inglês, a ‘língua nativa’ da corrente de Natural Horsemanship, vem se produzindo uma mudança de léxico que reflete a deslegitimação de métodos agressivos: se abandona, pouco a pouco, o uso do vocábulo *breaking* (como na frase *breaking a colt*) e se promovem termos como *gentling* (amanse), *starting* (que se refere ao iniciar) or *making* (fazer) – para se referir às práticas que posteriormente são seguidas pelo treinamento (*training*) do animal já iniciado.<sup>10</sup> Contudo, o termo *horsemanship*, que denota um saber ou técnica equestre socialmente reverenciado (e enunciado no masculino), divulgado no Brasil através do seu vínculo com o influente movimento de *natural horsemanship*, não se traduz bem para o português, sendo comum e paradoxalmente transposto para “doma racional”, com as conotações apontadas acima.

Como disse anteriormente, todas estas práticas podem ser compreendidas como *tecnologias do corpo*, que englobam a interação entre corpos humanos e equinos, seja com ou sem ferramentas ou acessórios outros. Como relações com fortes componentes cinéticas e somáticas, os instrumentos básicos são os próprios corpos: o ser humano usa movimentos, gestos e voz, mas terá, antes de mais nada, que saber ler os sinais corporais da comunicação equina – movimentos de orelhas e cabeça, o flexionamento do pescoço e a forma de direcionar o olhar, o uso do garupa ou outras partes do corpo para mostrar intencionalidade (de querer se defender, por exemplo), o mexer do rabo, da cabeça, o distanciamento ou a aproximação à pessoa que está ali para trabalhar com eles. Por outro lado, essa pessoa também precisará aprender a ‘performar’ a tecnologia do corpo humano mais adequada para se comunicar

<sup>10</sup> Já vi a tradução de ‘domar’ por ‘tame’, embora este segundo se refira mais ao treinamento realizado com animais de espécies não domesticadas, senão selvagens, como no caso dos tigres, leões e ursos treinados (*tamed*) para espetáculos de circo.

efetivamente com o animal (quando montado, quando no chão) – como usar as mãos, a voz, o toque, os gestos, a aproximação ou distanciamento (corpo a corpo), o equilíbrio e o peso, a pressão das pernas etc. Para o humano, é uma aprendizagem da sutileza – especialmente quando se restringe o uso de outros instrumentos ou ferramentas (extracorporais), como as cordas, os chicotes e as esporas.

Com certeza, estas tecnologias do corpo, de corpos humanos e equinos, construídos ao longo de séculos como complexas relações interespécies, são hoje em dia particularmente sujeitas à reflexão e ao escrutínio crítico. Inclusive, na época atual, adquirem um novo atravessamento tecnológico, enquanto tecnologias disseminadas e discutidas em espaços virtuais internacionais, onde o conhecimento é compartilhado e debatido em grande escala. Nesse contexto, as imagens que circulam, os vídeos demonstrativos, e até a prolífica oferta de ‘cursos de doma’ e de *horsemanship* – basta uma rápida busca na internet com as palavras chaves mais óbvias, em língua portuguesa ou inglesa, para ficar para sempre no radar algorítmico do que hoje virou um grande mercado – irão, à sua vez, moldar destas práticas corporificadas humano-equinas.

## OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE ‘DOMAR CAVALOS’ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Brasil é um dos países que mais se destaca por sua tradição equestre, imensa, extensa, e robusta que remonta aos tempos da colônia, quando os equinos, bovinos e de outros animais são trazidos do ‘velho mundo’ como recursos chaves do empreendimento colonial (CAMPHORA, 2021). Os equinos, como também é amplamente sabido, participaram de diversas contextualizações e ocuparam, desde cedo, espaços e funções diferentes: desde instrumentos da guerra contra os povos indígenas e principal meio de transporte para o comércio e exploração dos territórios até novo parceiro de alguns povos indígenas (VELDEN, 2019; CAMPHORA; ADELMAN, 2024); tornou-se animal de extrema utilidade para vaqueiros, agricultores e colonos, do norte ao sul (SILVA, 2015; WILLEMS, 1944).

Trata-se de práticas que se desdobraram ao longo dos séculos, em grande parte através da transmissão do que podemos chamar de *culturas equestres populares*, que até hoje se mantém muito vivas, sendo constantemente debatidas, ressignificadas e adaptadas a novas realidades (ADELMAN; REA, 2024). E qualquer pessoa atenta ao seu entorno perceberá a persistente ubiquidade do cavalo nas paisagens brasileiras; se viajar pelo país ou simplesmente sair do centro de qualquer cidade grande, passando pelas periferias urbanas até os distritos semirrurais e rurais, os encontrará em abundância. É muito comum que, em espaços urbanos, basta apenas um pequeno lote baldio, com um pouco de pasto, no meio de uma quadra de casas ou pequenos comércios, para deparar-se com um ou dois equinos, uma presença tão frequente - longe dos campos onde com certeza seriam mais livres e felizes - que ninguém a estranha.

A grande diversidade regional e cultural do Brasil também se expressa em práticas e tradições equestres diferentes, atreladas historicamente ao desenvolvimento de raças específicas - e preferências individuais e coletivas - que persistem: crioulo, mangalarga, pantaneira, campolina, para nomear apenas algumas das raças nativas. Vale mencionar aqui uma outra raça das Américas, produto da cultura vaqueira do continente do norte, o quarto de milha, que se tornou um grande ‘rival’ das raças usadas na lida e no esporte vaqueiro brasileiros, sendo a raça de maior plantel no país hoje<sup>11</sup>.

À sua vez, as raças, associadas a funções, usos, objetos e estilos de montar diversificados, se inserem em circuitos de criação, esporte, e indústria com características que chegam a ser muito específicas, promovendo a escolha e aplicação de técnicas tidas como as mais adequadas à raça. Hoje em dia, o mercado do cavalo visa um público grande de consumidores dispostos a gastar no animal e nas atividades equestres, sendo um gosto que atravessa as diversas classes sociais. Por outro lado, é um mercado altamente segmentado por preferências de raças, usos e modalidades esportivas, o que cria nichos de consumo que atendem aos profissionais e amadores do grupo<sup>12</sup>.

Como indiquei, as técnicas diferenciadas de iniciar cavalos novos variam de acordo ao estilo de equitação, muitas vezes associadas às raças específicas e as funções que, à sua vez, lhes foram sendo atribuídas histórica ou contemporaneamente. Por exemplo, enquanto muitos ‘crioulistas’ continuam empregando os antigos métodos da vida nos pampas, como o “quebrar o queixo do potro”<sup>13</sup> e iniciam os potros xucros

<sup>11</sup>O cavalo quarto de milha é também a raça mais popular dos EUA. Para uma raça que chega ao Brasil tardivamente (o primeiro cavalo QM foi importado ao país em 1955; a Associação Brasileira do Cavalo Quarto de Milha foi fundada em 1968 (<http://quartodemilha.com.br/museu.>), o amplo gosto atual pela raça pode resultar surpreendente, mas com certeza relaciona-se, entre outras coisas, com o expansivo poder e lucratividade da indústria equina estadunidense, e a ‘exportação’ da sua cultura do agro/rodeio para o Brasil, nos próprios anos 1950. Tampouco não é mera coincidência que a popularidade do quarto de milha no Brasil expande consideravelmente com a chegada a este país dos discursos e grandes figuras do movimento *natural horsemanship*, como os conhecidos *cowboys* Monty Roberts e Pat Parelli. Ambos já foram convidados para o país diversas vezes, onde continuam tendo admiradores, à certa distância das críticas severas que já lhe foram feitas no exterior (cf, Birke, 2007; Tom, 2015) tanto por estudiosas feministas como por antigos adeptos ou clientes - sobre seus métodos, premissas e sua inserção num mercado lucrativo de informações, workshops, e bens simbólicos.

<sup>12</sup> Segundo o estudo pioneiro da indústria equina no Brasil realizado em 2006 e atualizado em 2017, dos 5 milhões de equinos no país, 3,9 mil (78%) são animais de lida e 1,1 mil são animais destinados ao esporte, lazer e criação. Dados de 2015 mostraram que a renda gerada no Complexo do Agronegócio do Cavalo no Brasil, em valores de abril desse ano, totalizou R\$ 16,15 bilhões; as duas categorias que mais renda geraram foram, em primeiro lugar, a lida (8,58 bilhões) e esporte e lazer (5,84 bilhões) (Lima & Cintra, 2017:53). Meus longos anos de pesquisa de campo me levaram a conviver com cavaleiras e cavaleiros de origem social diversificada, dentre os quais muitas pessoas das classes populares que batalhavam determinadamente para sustentar sua paixão por este dispendioso animal.

<sup>13</sup> Refere-se ao uso do bocal, uma corda de couro que é amarrado sobre a língua do cavalo e puxada para baixo, fazendo que o animal “ceda” e adquira um hiper-flexionamento da nuca que se automatiza. Posteriormente, o animal é

no segundo ano de vida, os que treinam cavalos de hipismo costumam esperar até o terceiro ou ainda o quarto ano de vida do animal. Quem treina quarto de milha, especialmente para a modalidade esportiva de rédeas, hoje tende a empregar os métodos da ‘doma racional’; no site dos criadores do cavalo mangalarga, raça surgida mais para montaria de passeio do que para “a lida”, se recomenda iniciar a doma aos 36 meses, trabalhando de forma gradativa: práticas “iniciadas sempre de forma mais leve, serão coordenadas e intensificadas aos poucos” (MAGALHÃES, 2021).

Talvez o caso por excelência, a partir do qual podemos perceber mudanças de abordagem em curso, é o da *doma crioula* (e campeira<sup>14</sup>) que evoluiu junto à história do sul do país e suas tradições veneradas, as mesmas que deram origem ao pujante fenômeno cultura que se denominou Movimento Tradicionalista Gaúcho<sup>15</sup>. Somente com mais pesquisa histórica e literária é que poderíamos chegar a descobrir se, em algum momento anterior, houve algum tipo de visão crítica autóctone sobre métodos de iniciação e treinamento de cavalos, antes da contemporaneidade. Mas temos sim o registro, do período colonial, de vários viajantes europeus que registraram suas andanças por terras sul-americanas e fizeram descrições detalhadas tanto do quanto “o gaúcho e seu cavalo” estivessem unidos na vida, no trabalho e nas dificuldades da fronteira, como da proeminente crueldade dos métodos gaúchos de “dominar cavalos” (CAMPORA; ADELMAN, 2024:10), que amedrontavam os animais até a submissão, com um repertório material de acessórios de chicotes, cordas, esporas e freios severos. A sensível dissertação do antropólogo Daniel Lima (2015), etnografia que volta às práticas de doma campeira no pampa sul-rio-grandense no novo milênio, exemplifica a persistência de uma doma crioula em que se afirma a ‘relação de parceria’ entre o cavalo e o campeiro. Cada animal, como cada ser humano, possui individualidade, e “cada doma é um livro”. Como consequência disso, na fala dos domadores que ele entrevista, há também justificações para a

---

“enfreado”. A memória da dor do bocal permanece, e o freio – seja ou não severo – produz a mesma reação (ceder e flexionar).

<sup>14</sup> O termo ‘campeiro’ não possui referência específica à raça de cavalo, mas associa o método aos lides do campo para o qual algumas raças são mais utilizadas.

<sup>15</sup> O brilhante livro de Ruben Oliven (2006, segunda edição) estuda o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho na sua relação com a afirmação das identidades regionais brasileiras, no contexto da industrialização e urbanização do país em mediados do século XX. Adelman e Becker (2013), ao estudar a inserção das mulheres nas competições de rodeio promovidas pelos CTGs paranaenses, relembram a observação do Oliven, da coincidência temporal - ‘não mera coincidência – do surgimento do MTG no momento da crescente influência (mediática e de mercado) da cultura cowboy norte-americana na vida equestre do país, que Oliven astutamente assinala como força que gera ou incentiva uma resposta/reAÇÃO sul-brasileira de “defender as nossas tradições campeiras.”. Significativamente, o MTG é fundada na mesma década em que são importados os primeiros cavalos Quarto do Milha ao Brasil, provenientes do famoso King Ranch (<http://quartodemilha.com.br/museu/>) ; os fãs da raça QM e o “estilo country”, hoje em dia, não se pouparam de se exibir em jeans, botas americanas, e insígnias com a bandeira dos EUA, desde os bastidores até as pistas do “rodeo country” afiliado ao circuito estadunidense. Ver Adelman & Becker (2013) e Adelman & Camphora (2020) para maior discussão sobre ‘crioulistas’ e (vs) ‘quartistas’.

violência empregada no processo do domar, especialmente para os casos de potros “rebeldes”.

A perspectiva crítica que ganha espaço hoje, no Brasil e mundo fora, sem dúvida emana da ‘virada subjetiva’ nas relações humano-equinas, afincadas em transformações que ocorriam no século passado que começavam a acentuar o vínculo afetivo, mais do que o utilitário, entre cavalos e humanos (PICKEL -CHEVALIER, 2017). No século XXI, expande a perspectiva crítica sobre a relação humano-animal em geral, e em relação aos equinos, as abordagens filosóficas que buscam ‘des-hierarquizar’ as interações humano-equinas, gerando toda uma série de debates sobre agência humana, agência equina, e a verdadeira possibilidade de formas colaborativas – não coercitivas – nas práticas cotidianas (BIRKE; THOMPSON, 2018).

A crítica que é articulada, fortemente influenciada pela entrada do ‘*natural horsemanship*’ no Brasil, na década de 1990 – que, como já apontei, aqui é denominada *doma racional* - encontra ampla divulgação, no novo milênio, através dos canais da internet e redes sociais. Como é de esperar, sua disseminação estimula muito debate, divergências e negociações. Isto veio à tona, claramente, na entrevista que fizemos na segunda década do novo século, com quem era, na época, um jovem treinador de cavalo crioulo, ainda adepto aos métodos tradicionais como o ‘quebrar o queixo’ do cavalo. Embora o jovem fizesse questão de se distanciar das práticas e argumentos da doma racional (das quais não perdia oportunidade de zombar), reconhecia sua validade, para “algumas raças ou modalidades” equestres, e também afirmou, com certa veemência, que “na verdade todos estão sendo obrigados a mudar suas técnicas e métodos de doma” (ADELMAN; COSTA, 2017), insinuando que a crítica que circula pelos espaços da indústria equestre brasileira exerce pressão sobre domadores mais tradicionais. Isto condiz com o que nos disse, no campo, uns anos antes, outro domador, oriundo do estado de São Paulo, que mudou de métodos tradicionais para os “racionais”, apontando que algumas pessoas - como ele mesmo - realmente revisaram seus conceitos sobre essas e outras relações (Adelman; Becker, 2013).

São muitos os sujeitos das atuais transformações. Exemplo disso é o cavaleiro e treinador de cavalos de Rio Grande do Sul, André Santos, autor do livro *Doma - Treinamento do Cavalo Crioulo* (2013) que me explicou (em conversa livre) que defende a adequação da doma tradicional aos métodos baseados na comunicação e a colaboração entre treinador e animal. Ressaltou que escreveu seu livro com o propósito de alcançar um público amplo de domadores e treinadores que ainda teimavam no emprego de métodos coercitivos. Santos identificou como falsos os mitos que alegam a necessidade do uso da peça, chamada bocal (descrita anteriormente) que é amarrada sobre o queixo do cavalo, e confirma a ideia de que entre as tendências atuais que encorajam o abandono dessa prática encontra-se a influência, no Brasil, dos cowboys do universo das rédeas e dos chamados *horse whisperers* - encantadores de cavalo - que desenvolveram e/ou divulgaram a doma racional em muitas partes do continente americano.

Atualmente, parece haver uma proliferação de novos métodos e abordagens que, se não disputam diretamente entre si a legitimidade, sim concorrem em relação ao amplo público a ser conquistado, entre amadores e profissionais do mundo do cavalo. Aliás, entre os primeiros, parece haver muitas pessoas ávidas de adquirir conhecimento sobre doma e manejo, seja para aprimorar suas práticas de lazer e aprofundar seu mergulho nas técnicas equestres, ou simplesmente porque fazem parte do amplo grupo de pessoas (principalmente urbanas) que hoje procuram ‘experiências com cavalos’. Finalmente, vemos que o cardápio de opções cresce a cada dia, como uma olhada rápida na internet nos desvela: doma crioula, doma racional, doma índia, doma progressiva, e os muitos cursos de doma ‘assinados’ por pessoas que já conquistaram algum renome, e por vezes oferecem “um método todo seu”.

Além da doma crioula e a doma racional, outra forte corrente no campo atual que ativamente disputa adeptos é a autodenominada doma índia, muito associado ao nome do adestrador argentino Oscar Scarpati, amplamente reconhecido como fundador deste método, “através dos ensinamentos que teve ainda criança com um índio Ranquel puro. Sobretudo, o conceito de estudo da Doma Índia é um método não-violento, que não fere o animal e auxilia na missão de discipliná-lo dentro dos limites necessários”<sup>16</sup>. Os pressupostos do método se assemelham aos da doma racional, assim como se repete um elemento chave nas histórias que são contadas sobre seus fundadores, no sentido de serem homens com motivos biográficos para sair à busca de uma relação afetiva, comunicativa e não coercitiva com equinos: enquanto Monty Roberts, sofreu como criança os maus tratos de um pai violento - “*As a child, Monty Roberts witnessed horses being ‘broken’ by traditional, violent methods and also experienced abuse from his father which led him to look for kinder ways to deal with horses*”<sup>17</sup> - Scarpati, criado no pampa argentino por uma família vinculada às tradições do local e principalmente, dos seus indígenas cavaleiros, foi descoberto, ainda criança, como autista. O desenvolvimento das suas habilidades expressivas se deu, quase que espontaneamente, através da sua relação com os equinos. O método de Scarpati, nas demonstrações oferecidas por ele e por seus seguidores, destaca-se pela ênfase na comunicação corporal sutil entre pessoa e animal – tato, toque, gestos, contato corporal, movimento por vezes quase coreográfico, um constante estar atento aos sinais de qualquer tipo, e o cultivo da possibilidade de troca.

Muito importantemente, também percebemos que estas novas formas de doma contém características que as tornam aptas à incorporação por outra nova tendência contemporânea, a *terapização da relação humano-equina* (BIRKE; THOMPSON, 2018; ADELMAN; PEREIRA; CASAS,

<sup>16</sup> O mesmo artigo enfatiza outro elemento chave do seu método, a descoberta de uma ‘nova forma de comunicação’ entre humanos e equinos baseada no olhar atento de Roberts para a maneira em os cavalos asselvajados se comunicavam entre si. Ver

<https://cavalus.com.br/geral/o-argentino-oscar-scarpati-e-o-criador-da-doma-india/> (Portal Cavalus, 2 de março de 2020, consultado em 19 de janeiro de 2025).

<sup>17</sup> <https://www.all-natural-horse-care.com/monty-roberts-join-up.html> consultado em 19 de janeiro de 2024.

2025) e, assim, altamente atraentes a um público amador que procura, através do cavalo, ‘a cura’. Interessada nestas questões e suas repercussões na forma de compreender, atualmente, esta particular relação interespécie, participei uns anos atrás, na região metropolitana de Curitiba, de um curso de final de semana sobre a ‘*doma índia*’, promovido pelo mesmo grupo responsável pela introdução e crescimento do movimento (terapêutico ‘alternativo’) de Constelações com Cavalos<sup>18</sup>.

O evento, que se realizou em um haras na região metropolitana de Curitiba com a presença de cerca de 35 pessoas, das quais muito poucas tinham experiência equestre ou poderiam realmente cumprir a expectativa de aplicar o conhecimento técnico divulgado no workshop ao treinamento real de cavalos, teve um quê de ‘*new age*’, juntando cavalos, espiritualidade, técnicas equestres, lazer e socialização. O público para esse tipo de encontro — que geralmente tem um custo que também sugere a classe social ao qual estava destinado (pessoas com certo poder aquisitivo) - era composto de moradores urbanos e bem mais mulheres que homens. Me pareceu que a pouca experiência da maior parte deles com cavalos reais (isto é, animais de carne e osso, e não apenas com a ‘ideia do cavalo’ como animal ‘nobre’, sensível e encantador ) poderia torná-los mais suscetíveis à visão espiritualizada e romântica do processo de treinamento que o workshop proferia.

Percebi, no curso, na forma de narrar a relação entre ‘domador e potro’, um movimento em direção à construção de uma mística em torno dos cavalos, parecido com as sessões que observei, em anos anteriores, de “constelações com cavalos”. Notei também um borramento de limites entre uma espécie de ‘cura com (através dos) cavalos’ e a aquisição de conhecimento equestre para fins práticos; isto, num universo no qual há cada vez mais questionamento sobre a compatibilidade entre essas duas finalidades. A demonstração do amansamento do “potro chucro” no *redondel* (pequena arena redonda) foi tanto coreográfico quanto performático, envolvendo uma emocionante coreografia entre um rapaz e os vários equinos que foram soltos – um “episódio” a cada vez – para mostrar uma espécie de gentil submissão, com o uso de cordas, que culmina no momento em que o potro se deita no chão e o amansador encosta ou senta nele. Os espectadores ficaram hipnotizados, ou pelo menos, muito emocionados.

Os *workshops* dos quais participei, em momentos diversos, que demostravam as técnicas de doma índia ou doma crioula, enfatizavam a importância – até como condição de eficácia do método - de se trabalhar com cavalos que tiveram pouco contato ou manuseio antes do processo de doma iniciar. Este discurso foi acompanhado por uma desvalorização do manuseio (excessivo) inicial de potros antes desse momento, várias vezes representado como contraproducente, produtor de “cavalos de estimação mimados” com maior dificuldade para aprender a respeitar o humano. Porém, enquanto a doma crioula assume abertamente sua meta de obter a submissão do animal, a doma índia, que alega eliminar elementos

18

Cf

<https://paranashop.com.br/2022/05/constelacao-familiar-assistida-por-cavalos-em-curitiba>

coercitivos, não deixa de implementar técnicas que, desde um ponto de vista mais purista (cf. CASTRO, s/d) parecem assustar os cavalos ou manipular suas emoções para gerar submissão. Desde outras perspectivas, é exatamente a familiaridade que os potros adquirem através de um bom manejo inicial – desde o nascimento, se possível - que deve ser a base dos primeiros passos rumo a uma aprendizagem ou adaptação às expectativas humanas que, totalmente contrária a um momento radical, é gradativa e fluída.

A proposta da *doma progressiva* talvez não seja muito diferente da índia ou a racional, e tampouco rejeita de maneira contundente a *doma crioula*. Quem assina esse método é o crioulista paranaense, Daniel Cruz, formado em Ciências Equinas no PUC-PR em 2006 e proprietário de uma cabanha e centro de treinamento em região rural próxima à capital do estado. Cruz inicia a explicação do seu método em um podcast patrocinado por promovedores do cavalo crioulo<sup>19</sup>, enunciando seus objetivos: “maximizar o desempenho do cavalo e, ao mesmo tempo, respeitá-lo”, palavra que ele em seguida enfatiza, “quem trabalha com cavalo, tem que respeitar o cavalo, é daí que vem seu ganha-pão”.

Explica que a doma progressiva vem da doma tradicional e busca “o mesmo resultado” mas a partir de uma prática que “preserva mais o cavalo” e “me preserva também” – “quanto mais eu respeito o cavalo, mais ele me respeita”. Acrescenta que é um método híbrido que ele foi desenvolvendo a partir da sua própria história de domador, que começou aos 15 ou 16 anos, com suas primeiras percepções sobre o que poderíamos chamar (aqui não são as palavras dele) os riscos dos métodos violentos ou chocantes (não graduados) para ele mesmo. Foi se constituindo como método híbrido, que incorpora elementos da doma racional e da doma índia, assim como não rejeita a marca fundamental da doma crioula, o uso do bocal (que ele continua utilizando, apenas no seu trabalho com cavalos de raça crioula). Hoje em dia, Cruz é participante ativo e renomado no mercado de cursos presenciais e online de doma e treinamento, oferecendo através do seu site o curso, “Método “De Chucro à Domado – A Evolução!” que promete “elimina[r] todos os erros que antes você cometia por simplesmente não entender a forma como o cavalo percebe os estímulos do ser humano”.<sup>20</sup>

É importante não perder de vista que, ao longo da nossa história equestre, homens e mulheres que trabalharam com a doma sempre foram adaptando saberes transmitidos de gerações anteriores. Daniel Cruz exemplifica isto, ao falar de como o avô dele domava com bocal de pano, costume ainda praticada por campeiros dos vastos e diversos interiores brasileiros e prática que se realizava muito longe da badalação dos

<sup>19</sup> Esta descrição do método de Cruz provém da entrevista que lhe é feito no podcast de Fagner Almeida, Em busca do cavalo Crioulo. <https://www.youtube.com/watch?v=uANXvBZzqPg>

<sup>20</sup> “Nesse curso 100% online, com mais de 40 horas de conteúdo divididas em mais de 70 aulas, você vai aprender a não errar na doma, no treinamento, na correção e na manutenção, melhorando muito seus resultados com os cavalos, independentemente da raça ou modalidade. Comece a ver os resultados desde o primeiro dia de trabalho!” <https://octdanielcruz.com.br/> Acessado 20/01/2025

mercados e redes sociais de hoje, muitas vezes sem deixar rastro ou registro.

Outros e outras deixaram registros, por vezes muito humildes, das suas abordagens. A cavaleira estadunidense Sally Twelveponies (1990), por exemplo, escrevia para dar uma orientação prática para pessoas amadoras, sem outras pretensões do que orientar o passo a passo de proprietários e amantes de cavalos, com sensibilidade, mirando o bem-estar do animal e o desdobramento de uma relação feliz e equilibrada entre os dois integrantes da relação. Quem de certa forma se insere nessa linha hoje em dia, no Brasil, é a veterinária e cavaleira Claudia Leschonski, profissional do cavalo cujos anos de experiência e reflexão resultaram recentemente na produção de um livro que pode considerar-se um marco na literatura equestre brasileira, “Cavalos entusiasmados, cavaleiros apaixonados” (2021). Nele, Leschonski compartilha, entre outras coisas, suas reflexões extremamente ponderadas sobre algumas das disputas mais carentes do universo equestre brasileiro atual, como as que se produzem no “enfrentamento” entre “tradição e modernidade”, ou entre pessoas que praticam diversas modalidades dos esportes equestres contemporâneos.

Precisamos, por último, tocar diretamente na questão da importância da nova visibilidade feminina no mundo da doma no Brasil, fenômeno do novo milênio. Ligada a mudanças sociais amplas, que impactam fortemente o universo equestre ao mexer nos seus aspectos anteriormente mais masculinistas e homossociais, a participação das mulheres indica algo que pode ser compreendido como uma revolução, e/ou como uma desconstrução gradual de um viés persistente. As reconfigurações e disputas de gênero em diversos espaços desse universo vem sendo discutidas por nós ao longo de várias décadas de pesquisa. Aqui, cabe ressaltar que, enquanto muitas mulheres invisibilizadas provavelmente domassem seus potros e potras nos seus quintais ou em sítios longe dos holofotes, é mais recente sua aparição como domadoras em canais e programas badalados, como o exemplar *Mulheres da Doma*, promovido e patrocinado pela influente Cabanha São Rafael no Paraná, que se tornou uma espécie de *reality show*, cujos episódios podem ser acompanhados online através do seu canal no youtube.<sup>21</sup>

Vinculado a esta movimentação e à própria Cabanha São Rafael foi o curso de final de semana do qual tive a oportunidade de participar, nessa cabanha, vários anos atrás, dado por Andressa Tatsch, uma das primeiras domadoras do programa. No curso, Andressa, de Rio Grande do Sul, e que se autodescreve, na sua conta Instagram, com as palavras chave “técnica em zootecnia, domadora, mulheres na doma; assessorial para compra e venda de cavalos”, trabalhou com seu público – composto de mulheres e homens com diferentes níveis de experiência equestre, amadores, amadoras e profissionais – nos incentivou a usar uma série de técnicas básicas advindas de várias abordagens, na procura da confiança e a comunicação tranquila entre treinador/a e cavalo. O trabalho desse final de semana, feito principalmente em redondel e com o cavalo em liberdade, focou o corpo-a-corpo da maneira pregada pela doma racional e a doma

<sup>21</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=WkB\\_07NtrFY](https://www.youtube.com/watch?v=WkB_07NtrFY)

índia, em coreografias que esta e outras vezes pude registrar fotograficamente. Andressa, como outras pessoas que hoje oferecem orientação e cursos de doma, foi enfática em não defender um ‘método’ único como pacote fechado, mas sim, incentivar a busca de uma relação afetiva, gradativa e sentada sobre bases firmes de entendimento mútuo entre animal e humano.

## PARA CONTINUAR PENSANDO: A ‘COREOPOLÍTICA’<sup>22</sup> DA DOMA

Enquanto voltava à escrita deste texto, após um hiato de vários meses que foram, entre outras coisas, compostos por buscas tanto territoriais quanto bibliográficas, cruzei com um conceito que me pareceu pertinente para evocar o olhar que procuro sobre aquilo que continua se chamando *doma*, em português -- *coreopolítica*. Empregada inicialmente, na literatura brasileira que achei, por pessoas que estudam a dança (cf LEPECKI, 2006) para pensar em formas de movimento, como coreografias, que fomentam a resistência ao policiamento e constrangimento dos corpos nas suas passagens pelos espaços urbanos, por que não pensar na sua aplicabilidade aos desdobramentos das “corporalidades compartilhadas” - *mutual corporealities* (BRANDT; BIRKE, 2009) - entre pessoas e cavalos? Nesses processos de comunicação e ‘treinamento’, quais as possibilidades para privilegiar uma convivência pautada nesse primeiro termo (‘comunicação’) que diminui o espaço para a coerção, em prol da aprendizagem (mútua) de formas *centauras* de deslocamento no espaço, por sobre o chão? Considerando à atual reflexividade crescente em relação às tecnologias e práticas da doma, será que um mapeamento de abordagens e práticas atuais mostraria uma balança tendendo mais para esse lado – subjetivado e pacificado - do pêndulo?

As páginas que aqui finalizo buscam indagar, através de uma lente sociológica forjada em várias décadas de pesquisa de campo, as forças que estão em jogo nas disputas atuais sobre a doma e o manejo de cavalos no Brasil. Entram em ação várias coisas: perspectivas diferentes sobre as relações entre humanos e animais, concepções diferentes sobre humanos, equinos e sua relação, questões de ascensão e disputa profissional, que inclui a concorrência relativa a fatias de um mercado e, atrelada a elas, competição simbólica e material. Também vêm à tona o apego de comunidades a práticas equestres diversas e por vezes diferenciadas, que produzem e consolidam identidades; como é que se desdobram os costumes e as convicções. O momento atual, eu argumento, tem sido propício para mudanças, e as pessoas agem reflexivamente, porque encontram estímulos para repensar relações herdadas. De fato, se trata de

<sup>22</sup> Paul Carter, propõe uma “coreopolítica”, que “revela o entrelaçamento profundo entre movimento, corpo e lugar” (apud Haesbert,2021:51). Sobre encontros e relações corporais equinos, um texto seminal é o Mutual Corporealities, de Lynda Birke & Keri Brandt, 2009, que realiza, entre outras coisas, uma excelente discussão crítica sobre o surgimento e o sentido do *New Horsemanship Movement*.

processos abertos, que se vão tecendo; com certeza, dentre seus maiores desafios, encontramos os que são postos pelas críticas mais radicais – abolicionistas, talvez – sobre o uso humano do equino, que abarca todos os processos de criação, manejo, treinamento, montaria e esporte equestre (Cf CASTRO, n/d).

Vemos, também, que muitos homens – particularmente os vinculados ao rodeio e à equitação de trabalho – continuam a defender e perpetuar métodos tradicionais pouco revisados no manejo dos equinos, o que pode se explicar não só pela transmissão intergeracional da dominação masculina que transborda o mundo humano, senão por processos atuais que alimentam subjetividades masculinas que naturalizam a violência (BOSCATTI; ADELMAN, 2020). Contudo, ao longo das últimas décadas, as novas abordagens, que buscam a revisão, como as domas índia, a progressiva e a racional, convergem numa corrente simbolicamente hegemônica – facilmente evidenciada, por exemplo, pelos resultados (textos, imagens, vídeos, cursos) de qualquer busca na internet, seja mais simples e imediata, ou mais aprofundada (aliás, fértil terreno para novas pesquisas).

Os realinhamentos de gênero no mundo equestre brasileiro – particularmente a entrada de muitas mulheres em profissões como zootecnia e medicina veterinária, e a presença maciça de meninas e mulheres em muitos meios equestrês específicos (das hípicas às cabanhas, no esporte profissional e amador, nas práticas de lazer) - também desafiam os macro e micro machismos do setor e tendem a favorecer uma nova criticidade que encontra propulsão no crescente espaço dado a questões de ‘ética animal’ na sociedade brasileira. Longe de vislumbrar a criação de consensos, podemos pelo menos apreciar a complexidade de questões que, aparentemente circunscrita a uma parte - nem digo tão pequena! - da população brasileira, na verdade falam muito sobre a dinamicidade da sociedade contemporânea, dos seus muitos gargalos, assim como a crescente disposição a repensar nossas relações com outros seres. Refletem e exprimem contradições sociais robustas – as de classe, raça e gênero, por exemplo- e trazem à tona disputas regionais, identitárias, culturais, territoriais. Certamente, alimentam tensões entre segmentos e setores do mundo equestre permeados por diversos interesses e agendas – como no caso dos mais atrelados à agroindústria e dentro dela, a criação de cavalos, mas também, de determinados grupos profissionais, ou de trabalhadores do ramo, ou de comunidades rurais cuja sobrevivência ou identidade também são postas em questão por essa relação interespécie singular. Certamente, no chão da ‘coreopolítica’ onde humanos e equinos interagem, a dança já está mudando; no mundo ‘macro’ que o baliza, sobressaem as incertezas de nosso futuro coletivo.



**Imagen 1:** A domadora Andressa Tatsch<sup>23</sup>. Crédito de imagem: Miriam Adelman

---

<sup>23</sup> Uso da imagem autorizado por Andressa Tatsch, no dia 1/01/2025.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam; PEREIRA, Ester Liberato; CASAS, Matias. Introdução: desdobramentos de um campo de pesquisa. In: ADELMAN, Miriam; PEREIRA, Ester Liberato (Orgs) **Rédeas, Cabrestos e Centauros: Culturas Equestres e Conexões Plurais entre Humanos e Equinos na América Latina.** Curitiba, Editora Appris, 2025.

ADELMAN, Miriam. REA, Caterina.. Brazilian popular equestrian cultures: Stories to be told, history to be written. In: MARTINS, Constantino Pereira (Org.). **Do cavalo: on horses del caballo.** São Paulo: Dialética, 2024, v. 1, p. 146-165.

ADELMAN, Miriam.; CAMPHORA, Ana Lucia. Crioulos e crioulistas: Southern Brazilian equestrian culture in a changing world. In: GUEST, Kristen; MATTFELD, Monica. (Org.). **Horse breeds and human society: purity, identity and the making of the modern horse.** Londres: Routledge, 2020, v. 01, p. 160-185.

ADELMAN, Miriam. "Saberes, prácticas y relaciones de género en una cultura ecuestre popular del sur de Brasil". In: GIL, Carmen Gregorio; ALCAZAR-CAMPOS, Ana; DEL RIO, José Maria Valcuende; PERAK, Blanca Garcia. (Org.). **Nuevas Cartografías de la Sexualidad.** 1ed. Granada: Universidad de Granada, 2020, v. 1, p. 587-604.

16

ADELMAN, M.. . Mulheres, cavalos, vidas cruzadas: domadxs, domesticadxs, selvagens??. In: WENETZ, Iléana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. (Orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física** (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE - v. 6).. 1ed.Natal: EDUFRN, 2020, v. 6, p. 123-139.

ADELMAN , M.; BECKER, G. *Tradition and transgression: women who ride the rodeo in southern Brazil* In: ADELMAN, M. & KNIJNIK, J. **Gender in Equestrian Sport: Riding Around the World.** Springer. 2013.

ADELMAN, M.; COSTA, T.K.L. *From Hípica to Cabanha: Brazilian Stable Hands in Different Cultures and Contexts* In; ADELMAN, M.; THOMPSON, K; **Equestrian Cultures in Global and Local Contexts.** Springer, 2017. p. 195-215

ADELMAN, Miriam.; RUGGI, Lennita. **The Sociology of the Body.** *Contemporary Sociology* 2015

BOSCATTI, Ana Paula; ADELMAN, Miriam. De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações. **Estudos de Sociologia** v. 25, p. 221-242, 2020.

BIRKE, Lynda. “*Learning to speak horse*: the culture of ‘natural horsemanship.’” **Society and Animals** 15 (2007): 217-239.

BIRKE, Lynda, & BRANDT, Keri. **Mutual corporeality: gender and human/horse relationships**. *Women’s Studies International Forum*, 32(3), 189-197, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2009.05.015>

BIRKE, Lynda; THOMPSON, Kirrily. **(Un)stable Relations: humans, Horses and Social Agency**. London: Routledge. 2018.

BRANDT, Keri. *Intelligent bodies: embodied subjectivity in human-horse communication*. In WASKUL, Dennis; VANNINI, Philipe. (Orgs.), **Body/Embodiment: symbolic interaction and the sociology of the body** (pp. 141-153). London: Routledge, 2006.

CASTRO, David. **O silêncio dos cavalos**. Publicação independente, s/d

CAMPHORA, Ana Lucia ; ADELMAN, M. *Biodiversity in the Southern Cone during the Colonial Period: Colonial Heritage Spoken in More-than-human words*, In: KLATMEIER, Olaf Kaltmeier; ACKER, Antoine; ROMERO, León Enrique Ávila, and DUARTE, Regina Horta. CALAS **Handbook of the Anthropocene in Latin America II. Biodiversity**, 2024. Bielefeld: Bielefeld University Press. pp 57-74

CAMPHORA, Ana Lucia ; ADELMAN, Miriam. *The Power and poetry of the Marwari horse*. In: JUNQUEIRA, Paulo (Org.). **The Marwari Horse of India**. Ipsis, 2021, v. 1, p. 17-18.

CAMPHORA, Ana Lucia. *Animals and society in Brazil from the 16<sup>th</sup> to the 19<sup>th</sup> century*. Cambridgeshire: White Horse Press. 2021

DAVIS, Dona; MAURSTAD, Anita (Orgs). **The Meaning of horses: biosocial encounters**. Londres: Routledge, 2016.

GUEST, Kristen; MATTFELD, Monica. **Equestrian cultures: horses, human society, and the discourse of modernity Chicago**: University of Chicago Press. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina Niterói: UFF. 2021.

KROLL, Jeri. *Riding the centaur metaphor from past to present: myth, constellation and non-gendered hybrid in IAFOR Journal of Literature & Librarianship Volume 8 – Issue 1 – Winter 2019* pp 31-48

LEPECKI, André. **Exhausting dance: performance and the politics of movement**. London/New York: Routledge, 2006

LESCHONSKI, Claudia. **Cavalos entusiasmados, cavaleiros apaixonados.** Uma coletânea de textos sobre cavalos. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura. 2021.

LIMA, Daniel Vaz. **Cada doma é um livro:** a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2015.

LIMA, Roberto Arruda de Souza; CINTRA, André Galvão. **Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo Brasília:** Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2017.

NOSWORTHY, Cheryl. **A geography of horse-riding: the spacing of affect, emotion and (dis)ability identity through horse- human encounters.** Cambridge: Cambridge Scholars Publishers. 2013.

MAURSTAD, Anita; DAVIS, Dona; COWLES, Sara. *Co-being and intra-action in horse-human relationships: a multi- species ethnography of be (com)ing human and be(com)ing horse.* **Social Anthropology/Anthropologie Sociale** (2013), 21, 3322-335.

MAGALHAES, Paula. Adestramento. Processo exige tempo e conhecimento  
**Revista da Associação Brasileira de Criadoras do Cavalo Mangalarga Mineiro.** 04/05/2021  
<https://www.abccmm.org.br/leitura?id=10399>

OLIVEN, Ruben G. **A Parte e o todo.** A diversidade cultural no Brasil-Nação. RJ: Vozes, 2006.

PICKEL-CHEVALIER, Sylvine. *Popular horse stories and the invention of the contemporary human horse relationship through an 'Alter Ego' paradigm.* **Journal of Sports Science,** 2017, 5, pp.119-137. ff10.17265/2332-7839/2017.02.007ff. ffhal-01571632f

PIERSON, Melissa H. **Dark Horses and Black Beauties: Animals, Women, a Passion.** London: Granta Books. 2002.

SANTOS, André. **Doma – treinamento do cavalo crioulo.** Porto Alegre: Martins Livreiro Ed. 2013.

TOM, Erica. *Gender and Power in Narratives of "Natural Horsemanship": The Production of "Prey-Identified Masculinity.* **Humanimalia,** 2015, 7:1 pp 59-78

TWELVEPONIES, Sally. **Starting the colt. First lessons in riding and driving.** New York: Houghton-Mifflin Company. 1990.

VELDEN, Felipe Vander. *A Tapuya equestrian nation? Horses and native peoples in the backlands of colonial Brazil.* In: Miriam Bibby; Brian Scott. (Org.). **The Materiality of the Horse.** 1ed. Budapest.: Trivent Publishing. 2020.v. 2, p. 71-106.

WILLEMS, Emilio. *Acculturation and the horse complex among German-Brazilians.* **American Anthropologist. New Series**, Vol. 46, No. 2, Part 1 (Apr. - Jun., 1944). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i227319>, pp. 153-161